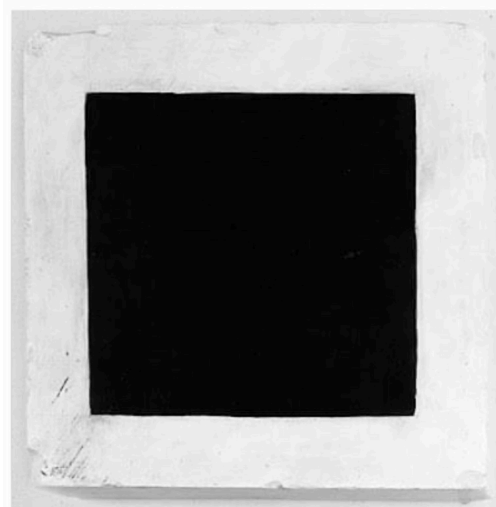


Gerar Academia sem restar-se Académico _ ou a Tradição do devir das vanguardas | *Esta danada caixa preta*

Algum tempo depois de Maria Estela Guedes ter publicado uma *observação urbana* sobre: "Quadrado negro sobre fundo branco", pintura que Kazimir Malevich denominou o "zero das formas" (comentário de Estela que ternamente guardei), procurou-me a convidar para coordenar um número específico da REVISTA TRIPLOV de Artes, Religiões e Ciências. Edição a publicar em maio de 2024, número a surgir vocacionado para uma revelação da **Vanguarda Portuguesa** [matéria *centrada no que experienciei*, sublinhou]. Responsabilidade grande, esta, e uma desafiadora *janela de fundo infinito*, essa do tema em propósito. Tão plural, pois aí logo temos, mas não apenas, a **GerAcção Black Cube**. Essa que me fez recordar o *suprematismo* de Malevich, e a hirta utopia de uma capaz resposta bastante.

O quadro abaixo, "Quadrado negro sobre fundo branco", foi pintado em 1915 por Kazimir Malevich. É mais do que famoso. Pertence à vanguarda e foi objeto de inúmeras discussões e interpretações. 1915 não é uma data qualquer. Podíamos começar por aí a falar dele, mas há tanta coisa escrita já! Faz parte das coleções de um museu de Moscovo, e deve valer muitos milhões.



E é nesta *respiração estruturante* que começo por enunciar uma *operação radiofónica* que gerei para a "Academia": **Círculo Negro num Quadrado Branco, uma pintura de Malevich, Círculo Branco num Quadrado Negro, um programa de rádio** — objecto com emissão na RUC_Rádio Universidade de Coimbra [Secção Cultural da AAC_Associação Académica de Coimbra]. Foi este programa um genuíno *modo e estilo* para responder a um desafio, o de gerar actividades gregárias conjugadas entre diferentes secções culturais da AAC, aqui: o *Círculo_CAP*, Círculo de Artes Plásticas de Coimbra, e a RUC. Teve este programa prática continuada, e seguiu com outro elemento do CAP, a cineasta Teresa Prata, autora *referente* também nas vanguardas de um independente *Cinema Alternativo*. Assim, e numa *senda das vanguardas tangíveis*, gerou-se a *seu tempo* esse objecto editando semanalmente *ousadias*. Sadias. Revelando desígnios das diferentes artes: das Plásticas à *nova Dança* e a um Teatro *outro*, de Beck a Grotowski, as novas *performatividades*, e a Música. A de Jon Hassel, de Laurie Andersen e Meredith Monk, e mesmo os silêncios de John Cage. Tempos depois recebo Meredith para uma *Master Class* no *Círculo*, o CAPC, no âmbito da *BUC_Bienal Universitária de Coimbra*. E foi nesta órbita que gerei alguns textos de sensibilização, hoje presentes no livro: "**John Cage, música Fluxus e outros gestos da música aleatória em Jorge Lima Barreto**", alguns dos estudos com publicação primeira na revista *Música em Si* (1983-87). Era esta uma publicação da TAUC_Tuna Académica da Universidade de Coimbra, Organismo Autónomo da Academia de Coimbra, tal como o CAPAC_Círculo de

Artes Plásticas da Academia de Coimbra (1980-), estrutura antes CAP (1958-1980), agora com *marca* nominal de convencionado acrónimo: **CAPC**. Singularmente, foi esta uma das *comunidades artísticas* eleitas como exemplar por um dos mais verticais galvanizadores das vanguardas em Portugal, o Ernesto de Sousa, ele sempre com a *bandeira em punho* da "Alternativa Zero", vigor com Franz Fanon ao fundo: "Todo o espectador ou é um cobarde, ou um traidor."

E estamos em TRIPLOV, este projecto de revista dedicada a José Ernesto de Sousa.

Não há *Vanguarda Portuguesa* sem José Ernesto de Sousa, sabemos, e era ele quem dizia que "**Não há vanguarda sem tradição**". Logo temos aqui um *referente* que mereceu, a seu tempo, particular atenção nos encontros gerados entre nós no *Círculo*. Mas foi em Lisboa, no projecto *Diferença*, que confrontei Ernesto com um alinhamento sequencial de quatro textos meus, cinética de convulsivo apagamento das coisas ditas e que resultou na peça: "**TrAdição_Traição**", poema visual na colecção da Fundação de Serralves, com presença entretanto surgida no MUSAC e em "Cravos e Veludo", agora a apresentar no MNAC.

Este texto vestibular em saudação surge como um *corredor central* dando acesso a um lugar, como que de um conjunto de *salas* se tratasse, arquipélago onde poderemos ancorar, formulando múltiplas abordagens de vanguardas na *Academia*, como nas suas *periferias*, ou em outros *núcleos geradores*. *ACADEMIA* é preâmbulo mágico que abre esta exposição, como quem procura dialogar com Malevich, com o seu quadro "Zero das formas" bem ao fundo de um palco, mas tangível.

A C A D E M I A

A legitimidade destas *vascularizações* tem assim vital legibilidade, e o trazer a *Academia de Coimbra* a esta *ágora*, como *nesse* agora, ganha todo um sentido maior. Convoca contudo esta *nevrálgica paisagem*, a de Academia, um aturado entendimento mais robusto de *condição*, aquela que contribua para uma definição de *Academia*, a de Coimbra, *qual*, e logo estamos nas fronteiras de uma *matéria sensível*. Coimbra, mas *uma* outra. E é este, logo em si, um desígnio tão plural.

Na territorialidade dos anos oitenta na cidade de Coimbra, em lugares de vivenciação alternativa ("Artist-Run Spaces" geradores da "Geração Black Cube"), formularam-se novos conceitos e entendimentos da Arte: "Arte=Vida/Vida=Arte" (FLUXUS); "Artor" (J. C. Lambert), "Artitude" (Abraham Moles); "Actuante" (Jerzy Grotowski); "Arte de Situação" (Guy Debord); "Lebenslauf/Werklauf" (Joseph Beuys); "Dé-coll/age" (Wolf Vostell); "Vanguarda Como Tradição" (Ernesto de Sousa); "Progesto"/ "Obgesto" (Artitude:01/António Barros).

Procurava-se fazer 'vigorizar', então, uma política de "contaminação" e de partilha. A experiencição ocupava o lugar da experimentação. "Realizar", galvanizando a vivenciação (Tarkowsky) tornou-se fundamental. A então emergente fórmula (poético-visual): "Não há poesia, há situações poéticas; Não há poetas, há vivências poéticas" cumpre princípio norteador ["SituAcções Poéticas", António Barros, 1980, Museu de Arte Contemporânea, São Paulo, Brasil; Colecção Professor Fernando Dias, Brasil]. A cidade de Coimbra resulta assim, no então arco temporal da década de oitenta, geografia eleita para lugar estaleiro sintonizador das minhas pesquisas operativas e produção artística fundamental. Emissora também. Pelas 'experienciações' que as práticas desse tempo convocavam – norteadas por uma filosofia 'fluxista' cuja aplicação de princípios havia já sido iniciada nos anos setenta (tendo eu trabalhado com Wolf Vostell, Robert Filliou e Serge III Oldenbourg) –, surgem nos desígnios da prática colectiva e numa construção partilhada, novas práticas de vida e de sentido.

Para essa operacionalização fiz por criar diversas estruturas grupais e eventos exploratórios de estudo e aprendizagem (Artitude:01; Projectos & Progestos; OIC - Oficina de Interação Criativa; VideOporto). A atividade produzida em Coimbra tem assim difusão múltipla (nacional e internacionalmente sinalizada) e, de modo proliferativo, efeitos consequentes como ilustram diversos referentes sinalizados nos textos seguintes.

A expansão, a interação com outras geografias a partir da produção de Coimbra, e a difusão das suas dinâmicas, passa a ser uma realidade presente de partilha e conjugação. A construção de uma pretensa cultura identitária de um tempo à procura de um paradigma de 'soltura'.

Formulo, assim, a criação da revista performativa: "Artitude:01" [António Barros, Isabel Carlos, Isabel Pinto, João Torres, José Louro e Rui Orfão – colectivo com atividade progressivamente desenvolvida, experienciando diferentes edições]. É o colectivo de Artitude:01 quem vem a dinamizar o simpósio "Projectos & Progestos" para o Teatro Estúdio do CITAC [Curadoria de António Barros e Rui Orfão] na Universidade de Coimbra, 1981-85, iniciativa que eleva Coimbra à denominação, pela crítica, de "Cidade Capital da Arte Performance em Portugal". José Ernesto de Sousa e Jorge Lima Barreto sublinharam este perfil de condição.

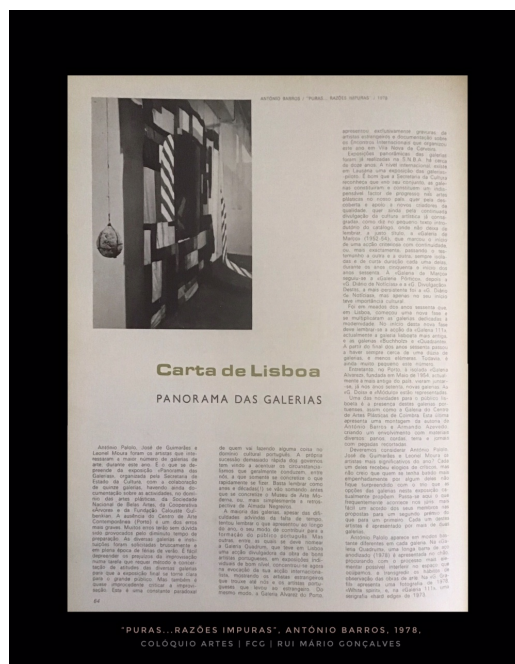
Esta actividade interlocutora, levando produção artística inédita de Coimbra para difusão nos centros de interesse internacionais e trazendo para esta ágora o fluxo cosmopolita da elegível criação internacional, convocava a partilha e a maturidade do lugar social – uma permuta de ideias e saberes transformando, nesta temporalidade, a cidade de Coimbra num lugar laboratório tributário de plurais tendências artísticas e culturais.

Como cidade universitária, a sua condição identitária mais (e)legível revela-se, nos anos oitenta, então como lugar de estudo e experiência. Incubadora de valores vindouros, fez gerar uma constelação de autores de incontornável reconhecimento.

[Tive uma preocupação geradora sempre latente – que foi a de dar a Coimbra o dever de uma cidade de emergências múltiplas. De dar a Coimbra – Uma Outra Coimbra.

Coimbra uma outra tem sido um convulsivo modo de procura das vanguardas, desde que em Coimbra sublinhei, e participei — com *objectos-poemas* da colecção "Suicídios Inéditos", Galeria *Templo do Gato*, Lisboa — no alternativo sentido identitário de *Coimbra, uma outra*, e como resposta a um então convite de António Olaio.]

Leitura da cidade e seu envolvente, da *cidade outra*, a que move e que se move – volante foi a de um móvel pelas ruas – leia-se: "*Puras, razões impuras*". Uma *assemblage* nos primórdios da *escultura-instalação*.



Mas assumindo a condição gregária de *Academia*, e tanto do compromisso pedagógico gravado na sua condição identitária e distintiva, regresso ao *suprematismo* de Malevich, e para trazer a esta *ribalta* Alberto Carneiro. Assim, continuando a zelar pelo *sentido* das vanguardas, propósito central que sinaliza esta *exposição*, cumpre-me referir Carneiro, aqui, fundamentalmente como pedagogo. As suas novas práticas, a seu tempo — *vanguardas educativas*. O suprematismo e a "Vanguarda Russa", numa *História da Arte*, de eleição, foi a identidade suprema para as suas aulas no *Círculo* do pós-25 de Abril. E aí toda uma prática hermenêutica, e crítica, a todo um *Realismo Socialista* a querer, no lugar *Academia*, ser capa identitária da *Causa de Abril*.

O *objecto-livro* em que fez-nos transformar as instalações do então CAP, onde as paredes eram as páginas onde se ancoravam recortes, cópias impressas, colagens, objectos em volta das matérias em edição, e surgiam numa dinâmica convulsiva diária, mesmo constante. O *cartão canelado* em rolo era suporte, e fechando-se na vara, resultava volante e operativo para circular nas instalações do *Círculo* [mas também na *Academia* em "aulas abertas", sempre que solicitado pela comunidade estudantil para as suas necessidades de trabalho, como sucedeu no *Teatro Universitário*, quando o CITAC estudou Meyerhold]. Um *fluxo* vivo. Gregário. E logo temos a "escultura social" de Beuys ao fundo, e logo temos uma feliz *contaminação* da identidade do Movimento Fluxus — essa bandeira de Liberdade — no *Círculo* tão (re)iniciada com Robert Filliou, no "Aniversário da Arte".

**Neue Galerie
der Stadt Aachen**
im Alten Kurhaus — Telefon 47 25 61
Information 47 25 76

1.000.010.
GEBURTSTAG DER KUNST
ANNIVERSARY OF ART
ANNIVERSAIRE DE L'ART
17.1.1973
MITTWOCH
WEDNESDAY
MERCREDI

1.000.010 KERZEN - GEBURTSTAGSTORTE - TANZKAPELLEN -
KAFFEE - SCHULFREI - BIER - DREHORGELN - LUFTBALLONS -
HAPPENINGS - URLAUB - BANDS - GEDENKMINUTE -

ROBERT FILLIOU

Geöffnet:
Dienstag bis Sonntag
10-13, 15-22 Uhr
Sonntag bis Dienstag
10-13, 15-19 Uhr
Mittwoch geschlossen.

AULA

Abordar na **Vanguarda Portuguesa** o desígnio do *ensinar como performatividade* parece uma ousadia. Mas transmitir conhecimento é sempre uma legitimidade, pois "são as coisas que não conheceis que transformarão a vossa vida... e o artista é um educador" — estes dizeres de Wolf Vostell — *assinaturas* que não cansei de repetir pluralmente editando — resultam distintivas de uma Cultura FLUXUS. Logo de um voltar a todo o tempo ao lugar **AULA**, sem complexos. E não será essa paisagem de legados, *Academia?*

A *aula*, a sua verdadeira *condição* e *sentido*, tantas vezes, se não sempre, começa em casa, e tanto assumir poderá ser a primeira ousadia sadia.

[Nasci num contexto particular. Na *insularidade* de uma ilha em que se refugiou António Areal e onde nasceu também António Aragão, e Herberto Helder. Numa ilha dentro da ilha é a Quinta das Cruzes, um *laboratório* de aprendizagens e convulsão de saberes. Meu pai dedicou *religiosamente* toda a sua vida a esse lugar único. Além de Areal, Aragão e Helder, Artur Bual, Lourdes Castro, Oscar Niemeyer (secretamente), entre muitos outros, passaram por esse lugar mágico, e alguns, como Aragão e Areal, estacionaram mesmo por ali, nas oficinas tão comungadas com a Natureza a quem meu pai, Alfredo Barros (1924-1995) entregou a vida. De todos, é difícil não confessar que, depois de meu pai, foi Areal quem mais me ensinou os desígnios da Arte. O que é ser *Academia* sem se academizar. **Gerar Academia, sem restar-se Académico.** Mesmo que no pundonor desta moldura, também me é difícil gerar a construção desta *convulsiva* memória sem dedicar esta *peça testemunhal* na senda das Vanguardas, a Alfredo Gomes de Barros, neste ano, centenário do seu nascimento.]

Busquei aqui para **AULA** uma breve galeria ilustrada, pois o património vivenciado e experienciado no binómio Arte_Educação é deveras vasto.

Procuramos uma breve exposição sobre identidade. Uma *identidade das vanguardas*. De vanguarda. Tanto do devir de *Academia*. Do seu *sentido* e *condição*. Do *Ser Academia*.

A partir da iniciativa de Artitude:01, simpósio "Projectos & Progestos", 1981-85, foi recentemente produzido, com intencionalidade pedagógica e sentido consequente, um **objecto-livro**, residente na Universidade de Coimbra, LIPA_Laboratório de Investigação e Práticas Artísticas.

Também num sentido operativo, e pedagógico, e para responder a um desafio do *Círculo* ("Aula Vaga", CAPC, "1.000.051 Aniversário da Arte", 17 janeiro, 2014) fiz gerar, assumidamente, uma *artitude* e não uma *performance*, procurando aí fundamentar publicamente, para além do *gesto*, as diferenças entre estes conceitos (manifesto em "*Aula Vaga*", editado em po-ex.net/). Um móbil contidamente irreverente tudo resolvendo a partir de um texto que "ensinava o filho a engolir a saliva para iludir a fome".

"Basalto, uma Arma de Fogo", intervenção pública de arte sociológica, participada. Centro de Dramaturgia Contemporânea, TAGV_Universidade de Coimbra, com continuidade no MUDAS.Museu, que integrou a obra na sua colecção.

ARTITUDE:01_RAZÃO PARA PROJECTOS & PROGESTOS

Foi oferecida pelo autor, António Barros, para património da Universidade de Coimbra (UC) a peça escultural instalação objeto-livro: **Artitude:01_Razão para Projectos & Progestos_ versão #1**, obra entregue ao CDC_Centro de Dramaturgia Contemporânea e Teatro Académico de Gil Vicente (UC), ficando a peça residente para estudo e fruição pública na **Sala B / LIPA_Laboratório de Investigação e Práticas Artísticas**, da UC. Para informação de conteúdos e referentes de obra pode ser feita consulta pública na po-ex.net/ Arquivo Digital da Literatura Experimental Portuguesa_Universidade Fernando Pessoa.



Acesso em po-ex.net

A versão #2 do presente *objecto-livro* é parte integrante da colecção da FBC_Fundação Bial de Cerveira. Versões #3, para a Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa; e #4, para o MVM_Museo Vostell Malpartida, em Cáceres, Espanha, desde 2024.

["ensinava o filho
a engolir a saliva
para iludir a fome"]

Aula Vaga não se assume como
uma performance, mas
como uma artitude (uma arte
de situação; de comportamento).
Em Aula Vaga o autor não se
assume como artista,
mas como ator.
Em Aula Vaga, nesta artitude,
o ator não se apresenta em palco,

aula vaga



mas surge no contexto do/no
próprio público.
Em Aula Vaga o público é parte
integrante e participativa
do/no "happening" em progresso.
Comunga.
Em Aula Vaga o ator priva e
partilha, sujeitando ao público
os seus propósitos e conteúdos
comunicacionais.
Em Aula Vaga o ator trabalha
recorrendo ao despojamento dos

Em Aula Vaga o lugar/espaco/
ação está vago, afirmando
disponibilidade em si; convocando
a interação.
Em Aula Vaga dinamiza-se uma
pretensa vaga propulsora e
consequente.
Em Aula Vaga galvaniza-se uma
conjugação de confronto com uma
ideia agenciante.



meios suporte fundamentais.
Em Aula Vaga o ator convoca,
numa "arte de situação",
as inquietações, temas do seu
contexto social vivenciável.
Em Aula Vaga o ator experiencia
os elementos mínimos da
comunicação conceptualista.
Em Aula Vaga o ator assume um
acto político de guerrilha urbana
situacionista.

Em Aula Vaga edita-se um
testemunho operativo da
memória futura.
Em Aula Vaga o objeto criado
propõe-se gerador de uma "tarefa
aberta".
Em Aula Vaga assume-se uma
contaminação fluxista. Como Ser
em Fluxus.



Em Aula Vaga o ator ensaia uma
metodologia alternativa no
ensino aprendizagem.
Em Aula Vaga o ator presume
e assume gerar uma atitude de
"contaminação".
Em Aula Vaga o ator explora
uma escrita poética experimental.
Em Aula Vaga o Texto é
PreTexto.

1.000.051.º Aniversário da Arte,
CAPC – Círculo de Artes Plásticas
de Coimbra, 17 de janeiro de 2014,
Coimbra.



GerAcção
1980
António Barros

Em Aula Vaga o ator ensaia a
estrutura do haikai japonês.
Em Aula Vaga o tempo é vago,
resolvendo-se a vivenciação sem
morosidades supérfluas alheias à
guerrilha.



Artitude *Basalto, uma arma de fogo* (Sala dos Espelhos, TAGV)

Documentação disponível para observação no Arquivo Digital da Literatura Experimental Portuguesa, po-ex.net/ e na Revista Translocal: *Basalto, uma arma de fogo - Artitude* [em modo Aula Pública], 2018.